

Uma Jornada Queer para uma Geografia Queer: Entrevista com Lawrence Knopp

Joseli Maria Silva

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) –
Brazil

Paulo Jorge Vieira

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território -
Universidade de Lisboa – Portugal

Em julho de 2010, a Argentina se colocou na posição de vanguarda Latino-americana no reconhecimento do direito dos casais homossexuais ao casamento civil. Além da legitimação da igualdade na esfera pública entre relações homossexuais e heterossexuais, o fato implica a subversão do caráter heteronormativo do casamento e da constituição da família, o que gera uma demanda de transformação da perspectiva de compreensão de relações sociais que regulam os laços de dependência entre as pessoas formadoras das unidades familiares. As transformações em torno da cidadania homossexual trazem desafios políticos e teóricos enfrentados por várias ciências sociais, inclusive pela Geografia. É nesse efervescente contexto que temos a honra de entrevistar Larry Knopp, um dos mais importantes geógrafos *queer* da contemporaneidade e incansável teórico que faz de sua prática acadêmica sobre espaço, sexualidade e cidadania também uma luta política.

Larry Knopp realizou seu doutorado em Geografia pela Universidade de Iowa em 1989 e atualmente é diretor da Faculdade Interdisciplinar de Ciências e Artes da Universidade de Washington Tacoma. Larry Knopp tem como um de seus mais frequentes parceiros na produção de diversos artigos e capítulos de livros, o geógrafo Michael Brown. Juntos, têm levantado desafios que envolvem a Geografia com a justiça social, a política e a cidadania relacionadas com as sexualidades. A partir desta entrevista esperamos que as ideias de Larry Knopp se difundam pela comunidade geográfica da América Latina, de modo a estabelecer um diálogo produtivo nos mais variados lugares em que haja o interesse pela abordagem da Geografia Queer.

Joseli Maria Silva e Paulo Jorge Vieira: A abordagem da sexualidade em seus trabalhos na Geografia está presente desde o início de sua

carreira científica, nos anos 80. Como foi a reação da comunidade científica geográfica em relação ao seu campo de pesquisa?

Larry Knopp: Bem, primeiro, gostaria de dizer que sou crítico sobre a caracterização da minha carreira como se encaixando perfeitamente na categoria de 'científica'. A minha agenda intelectual tem sido sempre a de transgredir as fronteiras tradicionais da academia, inclusive entre a 'ciência natural', a 'ciência social' e as 'humanidades' (especialmente entre as duas últimas). A este respeito, eu me vejo numa longa tradição de geógrafos que consideram seu campo como holístico e integrador e, ao mesmo tempo, aliando-me aos desenvolvimentos mais recentes na teoria social e cultural crítica. Dito isto, é certamente justo caracterizar meu trabalho como utilizando métodos e até mesmo a linguagem tipicamente associada com a 'ciência social' e por falar para um público que inclui, mas não se limita a pessoas que se concebem como 'cientistas'. Em outras palavras, eu acho que tenho sido razoavelmente hábil em falar a partir de diferentes visões filosóficas, epistemológicas e metodológicas. No entanto, como expliquei em “Out in Academia: The Queer Politics of One Geographer’s Sexualisation”, tenho também sido sensível aos contextos sociais e políticos em que eu trabalhei e, também, tenho sido estratégico nos modos como apresento a minha investigação e eu mesmo, como homem gay, num mundo heterossexista. Isso implicou, entre outras coisas, reconhecendo os privilégios que acumulo em virtude da minha raça, classe e gênero em utilizá-los em favor do que tem sido, em última análise, uma contraditória (mas, creio eu, defensável) agenda ativista e acadêmica. Como consequência, o meu trabalho tem sido, geralmente, bem recebido pelos meus colegas, incluindo muitos que se identificam com uma visão muito mais estreita

Uma Jornada Queer para uma Geografia Queer: Entrevista com Lawrence Knopp

e convencional do que é a ciência do que eu.

JMS e PJV: Em seu artigo 'On the Relationship Between Queer and Feminist Geographies' publicado no periódico 'The Professional Geographer' em 2007 há uma série de desafios colocados para os geógrafos no campo teórico e metodológico, tal como a utilização da emoção, das sensações corporais do pesquisador no processo de pesquisa. De que forma, em sua opinião, esses elementos têm sido incorporados na pesquisa geográfica?

LK: Alguns geógrafos culturais humanistas, como Yi Fu Tuan, foram abertos a isso por um longo tempo e têm seguidores inspirados. Mas no reino da geografia social cultural crítica e, inclusive na geografia *queer*, isto é (surpreendentemente) ainda algo relativamente novo. Nós ainda tendemos a escrever sobre a emoção, sensação, sentimento, etc., muito mais do que estar consciente de como usá-los como técnicas ou métodos. Acho que é porque ainda não sabemos como lidar com o nosso próprio corpo e experiências emocionais como fontes de conhecimento. A geografia britânica avançou mais nesta área do que a geografia norte-americana. O interesse lá (Reino Unido), na teoria não-representacional é um indicador disso, bem como é o interesse nos afetos e nas emoções. De fato, há uma nova revista chamada 'Emotion, Space, and Society', que publica trabalhos usando metodologicamente as emoções com bastante regularidade. Uma geógrafa feminista que tem sido, particularmente, bem sucedida nesta área é Liz Bondi. Mas vamos enfrentar isso: existe continua e profundamente enraizada na mentalidade moderna e da cultura ocidental, e mais importante, nas estruturas modernas de poder, um medo real e aversão a tudo o que é percebido como indo além da capacidade de controle da razão e da mente. Emoções, sensações corporais, anseios, desejos, etc., são, simplesmente, muito ameaçadores para os sistemas dominantes de produção e conhecimento, para que lhes sejam permitida uma fatia simbólica do espaço dentro deles.

JMS e PJV: No texto 'A Queer Journey to Queer Geography', publicado em 2000 no livro editado por Pamela Moss, a sua sexualidade, um elemento pessoal, é francamente explicitada. Qual é a sua posição sobre a relação de elementos subjetivos e a produção intelectual de um pesquisador na Geografia?

LK: Bem, finalmente parece-me que todo o conhecimento está situado (social, cultural,

politicamente, etc.) Portanto, não faz muito sentido pensar em termos de 'subjetividade versus objetividade' na pesquisa como um problema evitável. Eu tomo como dado adquirido que um conjunto de valores, associados de uma forma ou de outra com a experiência pessoal de um pesquisador e a sua localização no interior de várias estruturas e hierarquias, sempre influenciam a sua produção intelectual. O truque é ser o mais consciente das formas possíveis em que isto acontece e ser, mais claro quanto possível sobre a sua postura ética, moral e/ou política em relação a esses processos.

JMS e PJV: Em vários trabalhos como Knopp (1995), Knopp (1997, 2008), Brown e Knopp (2006), inclusive em sua tese de doutorado, há uma postura crítica das questões relacionadas com a gentrificação gay e lésbica. Atualmente a gentrificação urbana promovida por estes grupos adquire particular importância e continua a ser uma das formas principais da investigação. Quais são os pontos positivos e negativos desse tipo de abordagem na Geografia?

LK: Eu não sei se concordo que continua haver muito trabalho sobre o papel das lésbicas, gays e outras minorias sexuais - até mesmo da sexualidade - na gentrificação. Na verdade, parece-me que o trabalho acadêmico sobre gentrificação em si mesmo um pouco fora de moda (pelo menos na geografia). Claro, essa percepção é baseada no que vejo publicado e no que eu li, que está desproporcionalmente centrado na geografia, estudos urbanos, planejamento e áreas relacionadas em língua inglesa. Por isso, é possível que, na investigação na América Latina haja mais trabalhos sobre este assunto do que nos países anglo-americanos. Dito isso, tenho lutado ao longo dos anos a entender a minha própria deriva, afastando-me da investigação sobre as intersecções entre gentrificação e sexualidade. Embora existam algumas razões pessoais, eu também acho que o trabalho nesta área tem perdido algum do seu fascínio como um tópico, onde o trabalho acadêmico pode ser visto como fazendo a diferença. O rolo compressor do desenvolvimento da propriedade capitalista parecia implacável, até meados da década de 1990, que muita gente pode ter decidido voltar a concentrar as suas energias de uma maneira, parece ter mais potencial de impacto político (e talvez no desenvolvimento da carreira acadêmica também). Por exemplo, a evolução e influência da teoria queer tem influenciado os estudos sobre sexualidade e espaço, com uma ênfase mais humanística cultural do que antes, conduzindo a um alargamento de tais estudos para incluir uma gama muito maior de

Joseli Maria Silva e Paulo Jorge Vieira

Uma Jornada Queer para uma Geografia Queer: Entrevista com Lawrence Knopp

espacialidades (muitos delas, obviamente, menos material) do que antes. Relacionado a isso, o enorme aumento do interesse na política cultural da mídia e da cultura popular pode ter levado uma nova geração de estudiosos a acreditarem que o campo cultural tem um potencial mais radical, como uma arena de pesquisa ativista que outras áreas. Da mesma forma, o surgimento de estudos críticos e participativos, em sistema de informação geográfica tem proporcionado, muitas novas, oportunidades para uma crítica de pesquisa engajada politicamente, incluindo pessoas interessadas na sexualidade e no espaço (como o meu texto com Michael Brown '*Queering the Map*'). O mesmo pode ser dito da ecologia política e geografias críticas de saúde, pois ambos oferecem oportunidades para o engajamento político fundamentado em uma perspectiva crítica cultural. Claro, não há nenhuma razão para que estes tipos de acontecimentos não possam ter um impacto no contexto de estudos acadêmicos sobre gentrificação. E, de fato alguns estudiosos corajosos estão tentando fazer exatamente isso. Mas eu suspeito que muitos estudiosos consideram as lutas em torno da gentrificação como muito desanimador e desmoralizante e optaram por seguir caminhos que consideram mais esperançosos.

JMS e PJV: Sua preocupação com as relações de poder e a importância da política no campo da sexualidade está presente em sua produção científica, Brown, Knopp e Morrill (2005 e 2007). Quais são as contribuições que a produção geográfica sobre a sexualidade tem realizado para as conquistas políticas e sociais?

LK: Eu diria que a preocupação com as relações de poder e a política sexual está presente em quase todo o meu trabalho e não apenas em parte dele! Na verdade, estou orgulhoso de ter sido um dos primeiros na minha área a popularizar os estudos da sexualidade e do espaço e do fato de que a compreensão das relações de poder sempre foi central para a minha abordagem. Ao mesmo tempo, estou consciente de que havia pessoas antes de mim, que tentaram fazer a mesma coisa, mas tiveram menos sucesso, devido principalmente à virulenta homofobia, heterossexismo e estreiteza, em geral, em torno da sexualidade e do desejo, como temas de pesquisa acadêmica (e muito menos fontes de conhecimento). Bob McNee, Jacquie Beyer, e Larry Wolf estão entre os primeiros corajosos das geografias sexuais que me inspiraram profundamente. Tenho certeza que eles inspiraram também contemporâneos meus como Gill Valentine, David Bell e Jon Binnie. A minha sensação é que o impacto político dos estudos de sexualidade e espaço tem sido duplo. Primeiro, ele

tem, literalmente, criado espaço para as novas gerações de estudiosos que enfrentam um terreno muito menos resistente dentro da academia do que acontecia anteriormente. Isso não quer dizer que a homofobia e o heterossexismo, bem como, o puritanismo ainda não estejam profundamente enraizados dentro da geografia e da academia, em geral. Nem mesmo que os estudiosos que trabalham nesta área não corram riscos substanciais ao fazê-lo. Mas os estudos de sexualidade e espaço são, geralmente, reconhecidos como legítimos, se não, iguais em importância em relação a outras áreas de investigação. Espero que os estudos de sexualidade e espaço, provavelmente, tenham contribuído de alguma maneira para a maior aceitação da sexualidade e das questões das minorias sexuais como temas de discussão na cultura popular e da sociedade civil. Espero que eles também tenham contribuído para mudanças nas atitudes para com gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e outras minorias sexuais e de gênero. Não posso dizer se isto está a acontecer ou não. Eu sou cauteloso sobre a reivindicação de uma maior ou menos influência para este ou qualquer trabalho acadêmico, quando este desafia os sistemas arraigados e estruturas de poder. A ciência social mais influente continua, infelizmente, a ser a que serve o poder, ao invés de contestá-lo. Isso é da natureza do modo como o poder funciona - ele se reproduz através da acumulação de capital de todos os tipos (incluindo o capital intelectual e cultural).

JMS e PJV: O trabalho desenvolvido com Michael Brown sobre história oral e cartografia participativa, considerando a geografia histórica queer de Seattle evidencia uma preocupação em torno da ação social do pesquisador. Qual é o papel atual dos geógrafos acadêmicos na colaboração com movimentos sociais?

LK: Esta questão parece estar intimamente relacionada com a anterior. Eu diria que a resposta depende dos geógrafos em questão, dos movimentos sociais envolvidos e das oportunidades de participação estratégica que existem. Em relação aos estudos de sexualidade e espaço, a minha sensação é que não há falta de pesquisadores que gostariam de estar envolvidos com as organizações comunitárias de base, mas as oportunidades são limitadas pelos recursos disponíveis, tanto para as organizações de base comunitária, como para os pesquisadores. Para jovens estudiosos, em particular, este pode ser um 'não estímulo' desde que a progressão na carreira se baseia, em parte, sobre a capacidade de obter recursos para sustentar a pesquisa. A organização com a qual

Joseli Maria Silva e Paulo Jorge Vieira

Michael Brown e eu temos trabalhado em Seattle, por exemplo, é uma pequena e muito mal financiada organização, totalmente voluntária. Felizmente, temos sido capazes de conseguir pequenos montantes de apoio para nossos projetos e executá-las é relativamente barato. Isto tem benefícios cumulativos, como cada sucesso anterior aumenta o nosso 'capital de carreira' e, nos permite ser mais competitivos em futuros concursos para financiamento. Ainda assim, os riscos são nem de longe tão altos quanto poderia ser se estivéssemos trabalhando com diferentes tipos de grupos de base comunitária, com agendas diferentes e acesso a mais recursos. Por exemplo, existem organizações LGBT e Queer maiores e mais bem financiadas, mas estas tendem a ser mais profissionalizadas e burocratizadas do que as de base. Como consequência, os pesquisadores como nós enfrentam decisões sobre a negociação fora da influência do nível das bases, mas sim, dentro do que pode parecer estar já comprometidos com essas organizações de elite. Em algumas áreas, entretanto, tais trocas não podem ser tão ruins. A área dos sistemas de informação geográfica críticos e participativos é uma área com enorme potencial. Isto por causa do enorme poder dos SIG quer tecnicamente, quer culturalmente e politicamente. As agências de financiamento, tanto governamentais como não-governamentais, tendem a ver o SIG como um conjunto de técnicas e tecnologias com potencial para 'resolver' os problemas do mundo real. Eles entendem isso como algo muito prático e aplicado, e não como algo esotérico ou inconsequente. Então, na medida em que os investigadores ativistas podem associar-se com a 'investigação aplicada' - principalmente aquela que carrega com ela a autoridade percebida de técnicas muito poderosas e tecnologias - há um tremendo potencial para engajar produtivamente com os movimentos sociais. Por exemplo, alguns dos trabalhos mais interessantes desse tipo acontecendo agora envolve estudiosos críticos e participativos nos sistemas de informação geográfica que trabalham com grupos interessados em justiça ambiental.

JMS e PJV: Qual é a possibilidade da teoria queer transformar a ontologia e a epistemologia da geografia? Em que estágio o contexto científico geográfico anglo-saxão, pioneiro na abordagem, se encontra atualmente?

LK: Esta é uma pergunta muito grande! Por um lado, eu vejo a teoria *queer* como já tendo transformado (ou pelo menos alargado) os tipos de ontologias e epistemologias que são levadas a sério em Geografia. Há um reconhecimento muito mais claro,

por exemplo, da contingência e da fluidez das categorias sociais agora, do que no passado e certamente, mais reconhecimento da sexualidade e do desejo como implicados numa ampla gama de processos sociais e de discursos. Por outro lado, vejo ontologias e epistemologias dominantes, não particularmente ameaçadas pela teoria queer, em muitos aspectos reforçando e consolidando a sua posição dominante apesar a teoria queer. O problema é que a teoria queer funciona tanto a favor, como contra alguns desenvolvimentos - alguns podem dizer contradições - existentes na sociedade civil e no campo político-econômico mais amplo das sociedades em que ela tem alguma importância. É evidente que a teoria queer fala à realidade encarnada na vida das pessoas e experiências. Ela reconhece a multiplicidade, fluidez, hibridismo e indeterminação das categorias como gênero e sexualidade. E, leva a sério a importância das sensações corporais, das emoções e desejos para a compreensão das relações humanas. Num momento histórico em que as categorias tradicionais da ciência e dos sistemas de produção de conhecimento são amplamente percebidos, como tendo falhado no cumprimento de suas promessas, formas não tradicionais de pensar e de enquadramento das questões como esta, são bem-vindas. Nesse sentido, eu realmente vejo a teoria queer, a teoria racial crítica, interseccionalidades, os feminismos pós-estruturalistas e, até mesmo, a interdisciplinaridade como resposta para os sistemas falhados de produção de conhecimento que existem geralmente sob a rubrica de 'ciência' (especialmente em ciências sociais). Mas isso não quer dizer que estas são todas, igualmente, bem vindas por interesses dominantes, nem que elas estão seguras de manipulação e cooptação por esses mesmos interesses. Pelo contrário, muitos deles representam desafios claros e diretos aos interesses dominantes, na mesma forma que outros movimentos intelectuais insurgentes possuem (por exemplo, a ascensão da 'nova esquerda' ou de programas de estudos étnicos nas universidades). Como aqueles movimentos - e à semelhança dos movimentos populares contraculturais em outras partes da sociedade civil - as suas linguagens e estéticas estão sujeitos à apropriação e à reafetação a serviço de interesses muito conservadores. A minha preocupação, então é, que enquanto as ontologias e epistemologias de Geografia podem estar se alargando, eles estão ao mesmo tempo a ser reconfiguradas e reinterpretadas pelos interesses dominantes de uma forma que preserve uma aparência de radicalismo (especialmente estética e linguística), enquanto desaloja-os completamente de suas bases políticas e filosóficas. Assim, 'queer', por exemplo, se torna apenas um outro nicho de estilo de vida a ser

Uma Jornada Queer para uma Geografia Queer: Entrevista com Lawrence Knopp

comercializado, enquanto a ideia de conhecimento situado torna-se uma desculpa para os já poderosos e bem informados a praticar jogos de poder discursivo estratégicos. Em suma, enquanto a teoria queer está a transformar as epistemologias e ontologias em Geografia, de certa forma, é provavelmente muito cedo para dizer se essas transformações são realmente significativas ou sustentáveis.

JMS e PJV: Sua trajetória profissional é marcada por muitas parcerias intelectuais, entre as mais frequentes tem sido Michael Brown. Assim, parece que há uma tendência de desenvolver práticas de colaboração acadêmica. Qual é a possibilidade do mundo acadêmico em desenvolver tais práticas, expandindo relações com estudiosos de países fora do eixo anglo-saxão?

LK: Obviamente, eu acho que a colaboração internacional seria muito bom para Geografia, geógrafos, acadêmicos e para o mundo além. Há muitos desafios para a cooperação internacional. No entanto, mais imediatos são os desafios dos recursos - especialmente tempo e dinheiro. Mas há também os obstáculos culturais e outros relacionados com o fato de que vidas humanas tendem a ser vividas em localidades, que são ricos em referentes culturais e políticos exclusivos, ao invés dos espaços de cosmopolitismo. Então, novamente, o advento de novas técnicas e tecnologias de comunicação em tempo real, fazem superar alguns desses impedimentos, a um custo relativamente baixo, mais viável. Ainda assim, eu sou bastante antiquado e vejo vantagens distintas em situações frente a frente, em tempo real, a colaboração encarnada. Não há dúvida, por exemplo, que com Michael Brown e a nossa colaboração bem-sucedida teve tudo a ver com a nossa ligação mútua para a área de Seattle, e nossa capacidade de trabalhar em conjunto tanto face a face como, quando necessário, em 'campo'. Na minha opinião, então, as colaborações internacionais são mais prováveis de serem bem sucedidas quando possuem momentos em tempo real, cara a cara, compromissos entre os pesquisadores (o modelo tradicional, que assume o privilégio de cosmopolitismo) ou quando assumem distância cultural e espacial desde o início e explorar a distância como uma fonte de conhecimento. Esta última, é uma abordagem particularmente exemplificada pelas contemporâneas redes transnacionais de movimentos sociais e políticos, no qual os usuários da Internet e dispositivos móveis em locais distantes forjam colaborações criativas com outros. Esta é a abordagem que eu imagino ser mais prática e, em muitos aspectos, mais interessante neste

momento particular da história.

Referências

KNOPP, Lawrence. Sexuality and Urban Space: A Framework for Analysis. In: BELL, David; VALENTINE, Gill. (ed.). **Mapping Desire**. London and New York: Routledge, 1995, p. 149-161.

KNOPP, Lawrence. A Queer Journey to Queer Geography. In: MOSS, Pamela. (ed.). **Engaging Autobiography: Geographers Writing Lives**. Syracuse, NY: Syracuse University Press, p. 78-98, 2000.

BROWN, Michael; KNOPP, Larry; MORRIL, Richard. The 'Culture Wars' and Urban Electoral Politics: Sexuality, Race, and Class in Tacoma, Washington. **Political Geography**. Vol. 24, p. 267 - 291, 2005.

BROWN, Michael; KNOPP, Larry. Places or Polygons? Governmentality, Sexuality and Scale in The Gay and Lesbian Atlas. **Population, Space, and Place**. Vol. 12, p. 223 - 242, 2006.

KNOPP, Larry. On the Relationship Between Queer and Feminist Geographies. **Professional Geographer**. Vol. 59, p. 47 - 55, 2007.

MORRIL, Richard; KNOPP, Larry; BROWN, Michael. Anomalies in Red and Blue. **Political Geography**. Vol. 26, p. 525 - 553, 2007.

BROWN, Michael; KNOPP, Larry. Queering the Map: The Productive Tensions of Colliding Epistemologies. **Annals of the Association of American Geographers**. Vol. 98, p. 40 - 58, 2008.

KNOPP, Lawrence. Gentrification and Gay Neighborhood Formation in New Orleans: A Case Study. In: JACOBSON, Joyce. and ZELLER, Adam. (ed.). **Queer Economics: A Reader**. London and New York: Routledge, 2008, p. 353-373. (Reprinted from GLUCKMAN, Amy. and REED, Besty. (ed.). **Homo Economics: Capitalism, Community and Lesbian and Gay Life**, 1997).

Joseli Maria Silva e Paulo Jorge Vieira

145